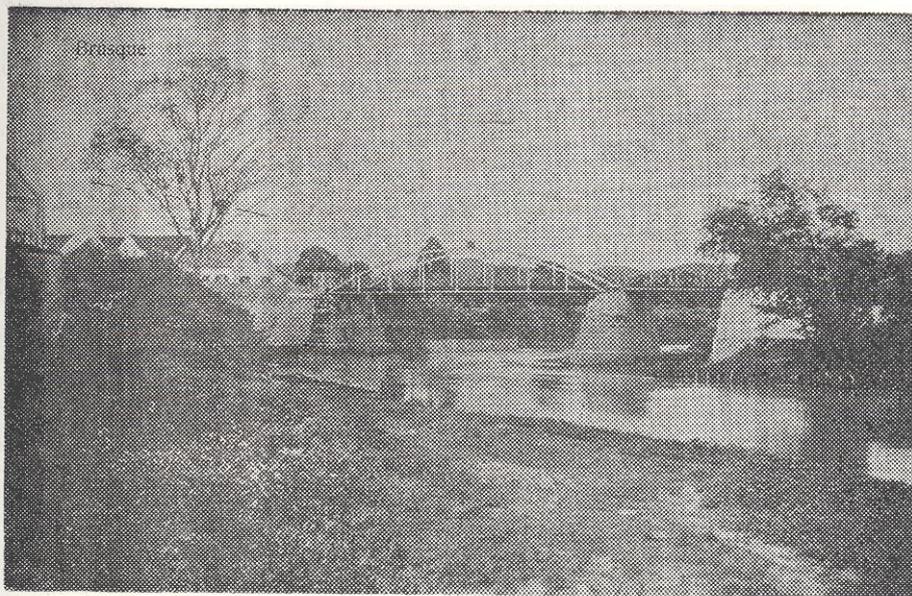


X



NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

BRUSQUE - ONTEM E HOJE



ANO VII
Nº. 27

EDIÇÃO DA
SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

Sociedade Amigos de Brusque

Fundada a 4 de agosto de 1953

Reconhecida de utilidade pública:

Lei Estadual n.º 1162 de 12 de novembro de 1954

Lei Municipal n.º 73 de 9 de março de 1954

CGC 83.721.639/0001-93

Sede própria: Avenida Otto Renaux — Caixa Postal 27

88350 - BRUSQUE — Santa Catarina

Mantenedora do MUSEU HISTÓRICO DO VALE DO ITAJAÍ-MIRIM

Notícias de "Vicente Só"

BRUSQUE - ONTEM E HOJE

Revista de cultura histórica do Vale do Rio Itajaí-Mirim

Registrada sob n.º 02 no Livro de Registros de Pessoas

Jurídicas em Brusque, Santa Catarina

Publicada trimensalmente sob a responsabilidade da

SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

Direção: Ayres Gevaerd

Composta e impressa na Gráfica Bandeirante — Brusque — SC.

NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

BRUSQUE-ONTEM E HOJE

Ano VII

Julho, Agosto e Setembro de 1983

Nº. 27

Sumário

A IMIGRAÇÃO ITALIANA Dr. Victório Ledra	156
A ENCHENTE DE 1880 EM BRUSQUE E BLUMENAU Maria Luiza R. Hering	160
MINHA VIAGEM À ALEMANHA Max Rau	165
EXPEDIÇÃO CONTRA OS BUGRES Jornal "Novidades"	167
O 1.º CENTENÁRIO DA INSTALAÇÃO DA PRIMEIRA CAMARA MUNICI- PAL DE VEREADORES DE BRUSQUE Ayres Gevaerd	169
DOCUMENTOS DA ADMINISTRAÇÃO BARÃO MAXIMILIANO DE SCHNEÉBURG REFERENTES A OUTUBRO DE 1864	170

CAPA: Gentileza de Wolfgang L. Rau.

CLICHÊ: Porto fluvial e ponte Vidal Ramos - 1905.

A IMIGRAÇÃO ITALIANA III

Victório Ledra

Continuamos neste número a tradução do relatório feito pelo Pe. Pietro Maldotti a seu bispo, Giovanni Battista Scalabrini, acerca da emigração italiana em massa, no segundo quartel do século passado.

Lembramos que Pietro Maldotti foi destacado pelo bispo para atuar junto aos emigrantes, no porto de Gênova, e realizou duas viagens ao Brasil, em inspeção aos núcleos de colonização italiana. Trata-se, pois, de pessoa fidedigna e muito bem informada, já que testemunha ocular dos acontecimentos.

A CAÇA AO EMIGRANTE

Com a famosa lei italiana de 1888, sobre a emigração, elaborada pelos habituais teóricos, foi legalmente reconhecida a classe dos Agentes e Sub-agentes de Emigração. A eles, não como empregados assalariados, mas como profissionais autônomos, se dirigem as Companhias de Navegação e os Armadores, para "fazer gente". Nenhuma garantia possuía o Governo; exigia apenas um depósito pecuniário nas caixas do Estado, que produzia rendimentos em favor do agente. O Sub-agente não tinha qualquer obrigação, a não ser a responsabilidade teórica que por seus atos assumia o agente.

O efeito de tal política foi imediato.

Os mais finos canalhas, os desclassificados de toda a laia, os analfabetos mais renitentes, misturados a "pessoas de honestidade indiscutível", afluíram para formar o exército dos novos profissionais. Seguros de seu inatingível direito, acorreram audazes às prefeituras e sub-prefeituras, e arancaram até vinte mil licenças. Com elas no bolso, percorreram as campanhas, fazendo legalíssima propaganda. E a propaganda foi implacável, irrefreável, escandalosa, ao ponto de alguns, nas valadas bergamascas, fazerem pregações de cima de mercados e nos pátios das igrejas. Discursavam a respeito das riquezas extraordinárias, das fortunas colossais, reservadas àqueles que se dirigissem à América. As passagens pagas pelo Governo do Brasil foram um prato cheio para os novos profissionais. E os cinqüenta mil agricultores que antes partiam anualmente, subiram a aproximadamente duzentos mil. Desde 1882 até hoje partiram um milhão e quinhentos mil emigrantes, dos quais, setecentos e dezenove mil para o Brasil, somente do Porto de Gênova.

Quem entendia do Brasil e dos fretes pagos a pobre gente do campo? Quem a hipnotizou? Como foram convencidos a partir a qualquer custo, e em quantidade tal que espantou até os sociólogos mais favoráveis à emigração?...

Os infelizes proletários, um pouco empurrados pela miséria e um pouco atraídos pelo desejo de melhorar a própria sorte, punham-se e ainda se colocam nas mãos de seus exploradores legais.

Pobres dos desgraçados que caem nas mãos de alguns dos muitos agentes desonestos!... Nas províncias do sul, principalmente, ocorria cobrar-se corretagem superior ao triplo do valor do frete ou passagem. Muito freqüentemente os ignorantes eram enganados a respeito da velocidade dos navios, a própria identidade da embarcação, ou sua Companhia, mesmo com todos os contratos legais. Isto, quando não se obrigava a pagar a passagem àqueles que tinham direito ao transporte gratuito para o Brasil... Depois, com hábil jogo de influências, fazia-nos partir por conta do Governo Brasileiro. Tramita ainda um processo a respeito deste assunto.

Até sobre os descontos concedidos pelas ferrovias se especulava, quando possível, pelo expediente dos famosos "trens especiais". Até na expedição da bagagem eram os emigrantes explorados. E quando tudo corria bem, apareciam invariavelmente as "despesas imprevistas". Depois vinha a hospedaria em Gênova, o feitor da estação, o licorista (vendia droga improvisada contra enjoó de mar), o carregador, o agente genovês, a gorjeta do feitorzinho do agente, e tantas outras coisinhas que acabavam por esfolar os miseráveis.

A lei obriga o agente a cuidar do emigrante até seu embarque; é assim que eles cuidam...

O emigrante trazia no chapéu um bilhete, carimbado no verso pelo agente, encaminhando-o a um albergue genovês. Este bilhete significava: "aqui está, caros amigos proprietários de albergues, a vítima; despojaia, mas lembrai-vos de nós".

Vi com meus olhos uma circular de um proprietário de albergue que oferecia meia lira por emigrante encaminhando à hospedaria. Distribuiu dez mil cópias da circular. Desta forma, a minguada importância, arrecadada a custo com a venda dos humildes objetos da casa, desaparecia rapidamente. E então seqüestravam as bagagens, e as desoladas famílias eram atiradas à rua. Já durava vinte anos o espetáculo de ver as vias públicas, as portas das igrejas, os edifícios públicos repletos de grupos de infelizes emigrantes, famintos, seminus, tiritantes de frio, mesmo nas noites rigorosas e chuvosas do inverno!...

Isto acontecia sob os olhos de todos, indiferentes pela longa habitualidade; na verdade, todos ganhavam um pouco com esta situação.

Nos chamados albergues, as coisas não eram melhores. Freqüentemente se viam centenas de famílias atiradas promiscuamente, no úmido pavimento, sobre os sacos ou sobre bancos, em longos quartos, em subterrâneos ou sótãos miseráveis, sem ar e sem luz, não apenas de noite, mas tam-

bém de dia. A alimentação fornecida, vendida a preços fabulosos, nunca chegava para saciar a fome dos infelizes. Quantas vezes tive que estender a mão aos que passavam pela rua, para que me dessem ao menos o suficiente para comprar um pouco de pão para matar a fome das crianças pálidas e magras.

O que mais me irritava e que eu jamais pude entregar aos tribunais, era este torpíssimo fato: uma cambada de jovens desfrenados e de velhos dissolutos, durante a noite, rondava certos albergues. As vítimas, pobres meninas inocentes, ou esposas infelizes, estavam esperando a redenção de seus sacos... ao preço de sua honra. Isto era público e notório e eu mesmo ouvia, a bordo de um vapor que partia, um pobre pai de família com lágrimas nos olhos e punhos cerrados dizer:

— “Mas eu voltarei, não, porém, com um saco, nem com estas pobres criaturas. Voltarei com uma faca para aqueles canalhas!”

Uma pobre menina, ali ao lado, abraçada em sua mãe, parecia abobada. Perguntei e soube até demais... Procurei pará-los, para processar os canalhas; mas o pavor de ter que permanecer ainda em terra, fechou-lhes obstinadamente a boca. Foi impossível arrancar-lhes qualquer pista sobre os responsáveis. Sofriam tanto em sua pátria que tremiam só de pensar que deveriam permanecer aí por mais tempo.

Alguns agentes de câmbio passavam moedas falsas; e ainda passam. Tenho comigo uma dúzia, recolhidas nesses últimos dias. Praticavam usuras fabulosas. Era uma engrenagem torpe de infâmias. Só quem viu e estudou o ambiente pode ter uma idéia precisa.

Em resumo: o agente, o sub-agente, o feitor, o carregador, o licorista, o agente de câmbio, o taverneiro, exigiam até o sangue e a honra de suas vítimas, porque tinham que atender, por sua vez, a outra multidão de vampiros e sub-vampiros, grandes e pequenos, que lhe grangeavam os clientes. Desta forma, a qualquer custo, das veias estéreis daqueles infelizes devia sair sangue, e sangue para todos.

Estarei caluniando meu país?

Absolutamente não. Eu narro.

De resto, parece que a pobre gente da campanha, que procura emigrar, tenha em toda parte uma má estrela. Eis o que acabo de ler no boletim do Departamento do Trabalho (Relatório de 1852), para a Inglaterra:

"Os corretores e engajadores de emigrantes são tão fortes e agem com tão comum acordo em Liverpool, que todas as tentativas feitas para vigiá-los faliram. É de seus hábitos adornarem-se da bagagem dos emigrantes, assim que cheguem, e conduzi-los à força para um albergue, com o qual mantêm relações, para onde os emigrantes, premidos pela necessidade, os acompanham. Nesses albergues, os emigrantes são induzidos ou obrigados a gastar todo seu dinheiro. Os que não têm bilhete de viagem são retidos, até que não mais tenham meios de viajar. Jovens desprotegidos pela lei, retidas e despojadas, são atiradas ao olho da rua e obrigadas a prover o seu sustento na prostituição".

Parece até que os nossos espoliadores têm freqüentado a escola dos ingleses...

Num ambiente desses comeci minha difícil missão.

Coloquei-me de plantão na estação a cada chegada de trem, arrancando dos chapéus o endereço dos albergues (coisa perigosa, porque os pobres os guardavam como um talismã), suscitando uma balbúrdia terrível entre os interessados, denunciando sem pena ao delegado de P. S. os culpados por abusos e fraudes e provocando processos quase diários por crimes e contravenções.

As famílias salvas ascendiam a centenas por vez. Mas para onde mandá-las?

Na verdade, encontrar um albergue honesto e decente, para mim que pouco conhecia a cidade e não tinha tempo de andar por aí, era um problema difícil e me proporcionava lutas e mais lutas, ódios, ameaças, insultos. Isto jamais me fez perder o sono e a paz. Pelo contrário, não sei porque, mantinha em mim um estranho bom humor.

(continua no próximo número)

A ENCHENTE DE 1880 EM BRUSQUE E BLUMENAU

Maria Luiza Renaux Hering

Aproveitando o tema das enchentes que voltaram a preocupar o Vale do Itajaí até fora de época, pois que elas comumente ocorrem em nossa região após o inverno e este ano fomos surpreendidos pelas águas ainda no primeiro semestre do ano, em pleno mês de maio, apresentamos pequeno relato sobre a enchente que inundou as cidades de Blumenau e Brusque em setembro do ano de 1880. Seu autor é Paul Hering, filho de Hermann Hering, o fundador da Indústria Têxtil Companhia Hering de Blumenau.

Naquela época, em que Blumenau e Brusque eram colônia às vésperas de tornarem-se municípios, graças ao seu progresso econômico, os Hering mesmo haviam chegado a Blumenau e iniciado uma pequena malharia. A fábrica, se é que assim já podia ser chamada, dispunha de um único tear circular manual e de uma caixa de fios adquiridos em Joinville, passando a ocupar toda a família na tecelagem, corte e costura das malhas, tal qual haviam feito antes em sua terra de origem, a Saxônia. Apenas o filho mais velho de Hermann Hering, Paul, que estudou pintura e mais tarde abriria em Blumenau uma fábrica de tintas, se dedicava a outro tipo de serviço. É pois como pintor, nem sempre com grandes chances de trabalho na vizinha colônia de Blumenau, que encontramos-lo em Brusque, em atendimento a um serviço no Clube dos Atiradores. É de se ressaltar que já na Alemanha Paul Hering ouvira falar no clube brusquense, em carta escrita de Blumenau no ano de 1879 por seu pai, que lhe pedia "observar o funcionamento do teatro de marionetes aí na Alemanha pois em Brusque existe uma sociedade que está planejando mandar instalar um teatro de marionetes".

Começa assim o relato de Paul Hering compilado no livro de suas memórias, sobre sua estada em Brusque e a enchente do ano de 1880:

Finalmente eu recebi a encomenda de pintar o novo teatro em Brusque. O salão de teatro amador e palco era na Sociedade de Atiradores. O ecônomo era o Sr. Wilhelm Gross. Meu primeiro serviço foi o pano de boca do palco. Estava quase pronto quando começou a chover a cântaros, sem cessar, durante três dias. O pequeno rio, afluente do Itajaí, transbordou e o salão dos atiradores, que se achava numa baixada, foi inundado, obrigando-nos a refugiar-nos no sótão. Mas também aí já não estávamos a salvo. Aos nossos brados por socorro veio uma canoa grande que nos colheu com o mais necessário, e debaixo de chuva nos deixou num morro perto.

Corremos pela encosta do morro e atravessando sobre uma prancha vacilante que servia de ponte, chegamos ao rancho do tanque resfria-

dor da cervejaria do Sr. Klappoth. — A cervejaria Klappoth localizava-se no edifício H. Schneider, à rua Ruy Barbosa, n.º 42. — A Sra. Gross me confiou, na nossa saída, o pequeno Richard metido em sua almofada. Eu peguei o menino, que tinha apenas 2 meses de idade, e carreguei-o, para espanto de sua mãe, sob o braço, como um pacote, pois ainda tinha que carregar os mantimentos. Chegamos sem mais incidentes ao primeiro andar da cervejaria, onde havia um movimento descomunal. Enquanto um homem tocava a sanfona, outros matavam um porco e preparavam a comida. Juntaram-se aí homens e mulheres de todos os feitios.

O proprietário da cervejaria, Sr. Fritz Klappoth, com seus empregados da cervejaria, a governanta, Srta. Marie Rischbieter (esta ainda viveu até o ano de 1939), além de diversos vizinhos. Do comerciante vizinho todo o dinheiro de papel ficou molhado. As notas foram penduradas num fio de barbante esticado na sala para secar. À noite, era pavoroso ouvir o barulho produzido pelos tonéis flutuantes na parte inferior da cervejaria, quando uns batiam noutros produzindo um barulho sinistro. Durante o dia podia-se observar muitas coisas que estavam acontecendo. Brusque tinha grande movimento de exportação de madeira que, em balsas eram navegadas rio abaixo até Itajaí para embarque. Com a enchente muitas balsas se soltaram e foram levadas pela correnteza até ao mar, com o que muitos perderam todos os seus haveres e o trabalho de muitos anos. Além disso viam-se flutuando rio abaixo cercas, estábulos e ranchos, móveis, animais vivos e mortos. Continuava a chuva. Após alguns dias, as águas pararam de subir, para então baixar lentamente. Depois que as ruas ficaram livres pudemos voltar para casa. A chuva cessara. Mas que quadro de destruição se nos apresentava! Espessas camadas de vários palmos cobriam as ruas, pastos, plantações e casas. Animais mortos empestavam o ar. As formigas, desalojadas de seus ninhos, subiam e entravam em toda parte molestando e mordendo a gente. A casa de um italiano foi levantada de seus alicerces e levada cerca de 2 quilômetros de distância, ficando assentada no meio de uma estrada. O proprietário teve que desmanchá-la por completo.

Voltamos para a sede da sociedade de atiradores. Eu tive o azar de escorregar e cair na água, ficando completamente molhado e enlameado. O ecônomo porém remediou o caso. Disse que no sótão ainda havia o vestuário do teatro, de onde eu poderia escolher alguma roupa que me servisse. Foi o que fiz. Escolhi uma camisa de camponês, uma calça de general com listas vermelhas, e um fraque de garçã; assim me apresentei, naturalmente de pé no chão. Sentia-me feliz por ter roupa seca e ajudei a limpar as dependências da Sociedade de Atiradores e os móveis, lavando mesas, cadeiras e bancos. Como as águas ainda não tinham baixado ao normal, mas continuava à porta, foi boa providência começar logo com o serviço de limpeza. Entremetres chegavam notícias que a enchente na colônia de Blumenau fora muito mais devastadora e que vitimara vidas humanas. Ninguém podia dar notícias exatas e eu fiquei muito apreensivo por causa de meus familiares. Minha von-

tade era partir imediatamente para Blumenau, porém reconheci logo ser isso impossível, pois os rios ainda estavam muito cheios. Teria que esperar ainda alguns dias, mas então iria tentar. Meu cavalo que ficara um pouco descuidado e um tanto arisco, consegui pegar com emprego de ardil e encilhar. A sela que havia ficado debaixo d'água, estava totalmente encharcada. O estofamento parecia uma esponja molhada, pois pela pressão sofrida pelo peso de meu corpo, a água escorria de ambos os lados. Uma sensação muito desagradável. Cavalguei com precaução e devagar, já devido a lama nas estradas, mas depois de alguns quilômetros já se apresentou o primeiro obstáculo.

Um rio sem ponte. Aliás a ponte existia, mas não no seu lugar, mas a correnteza levou-a para o meio de um pasto. E agora, o que fazer. Será que meu cavalo poderá levar-me nadando? Voltar, eu também não queria e assim arrisquei a façanha. Dei umas chicotadas no cavalo, para que entrasse na água, o que só fez após muita relutância. Deixei as rédeas soltas e de vagar o cavalo avançava. Quando perdeu o chão firme começou a nadar e eu a me segurar na sela, deixando o cavalo tomar o rumo. O cavalo, ao invés de procurar atingir a outra margem em reta curta, deixou-se levar pela correnteza e só muito lento se aproximava da outra margem, o que aumentou o meu medo. Finalmente encontrou chão firme e dirigiu-se direto à margem, porém aportou muito abaixo do ponto da estrada. Desmontei do cavalo e tomando as rédeas, puxei-o, com lama quase até aos joelhos, através do emaranhado de cipó, espinhos e arbustos que abundavam na margem do rio, até chegar à estrada, onde tornei a montar. O caminho, pelo terreno montanhoso, não fora inundando e consegui até cavalgar cerca de meia hora em trote. Quando cheguei novamente numa baixada, vi que um pedaço da estrada tinha sido carregado pelas águas. Tive que conduzir a pé, o cavalo por um mato, para contornar o buraco. Continuei, pensando que havia transposto todos os impedimentos, quando deparei com uma barreira causada pelo desbarrancamento que tive que vencer, puxando o animal, com muito custo por sobre o amontoado de barro e pedras. Já julgava ter passado, quando senti um puxão perdendo as rédeas da mão e vi que meu cavalo havia tropeçado e caído barranco abaixo esticando as quatro patas. Mas logo se levantou e felizmente não se machucou. Com muito esforço conseguir guindá-lo à estrada, e sem mais acidentes cheguei a Blumenau. O povoado parecia-se a um dia de feira, pois em toda parte se via cordas esticadas com roupas, toalhas, mantas, cobertores, etc., penduradas, pois era o primeiro dia de sol e todos aproveitavam os raios solares para secar suas coisas que haviam ficado molhadas. Devido a grossa camada de lama todos andavam descalços, mas não se soube de quaisquer ferimentos ou acidentes graves. Mais tarde soubemos que na colônia uma mulher havia perecido afogada.

Foi com grande alegria que fui recebido por minha família, pois da mesma forma como eu me havia angustiado por eles que também haviam tido apreensões quanto à minha sorte. Meu pai estava ocupado em desmanchar o tear circular, que também tinha ficado na água, para limpá-lo. O Governo prestou auxílio para todas as zonas atingidas pela enchente, mandando mantimentos. Tivemos que nos acostumar à carne-sêca.

Vieram tempos difíceis, pois os prejuízos na colônia foram enormes. Durou anos para recuperar o que em poucas horas fora destruído. A situação em nossa casa era desoladora. A água chegou até ao cruzeiro da janela. O reboque das paredes, tanto dentro como do lado de fora da casa se desmanchava e desapareceu até a altura onde as águas chegaram, pois na construção da casa houve muita economia no emprego do cal e na maioria dos casos o reboque era feito apenas com barro e arcia. Demorou quase um ano para que as paredes ficassem secas novamente e só então, papai e nós pudemos começar a rebocar novamente a casa, pois não havia dinheiro para pagar um pedreiro, assim tudo foi feito por nós mesmos.

Nesse tempo eu estava novamente em Brusque, para terminar o serviço no teatro. Logo que o pano de boca e um jogo de bastidores estavam prontos, apressaram-se para ensaiar uma peça. Eu não gostei disso, porque sempre que havia ensaio eu tinha que retirar todo o meu material e apetrechos, mas, como fora necessário apresentar uma peça em espetáculo público, para ter dinheiro para pagar o meu trabalho, tive que me conformar e ficar calado. O comerciante Willerding (*) foi o ensaiador. Também representava muito bem no papel de personagem cômica. Mas faltava alguém que fizesse o papel de amante. Um empregado que bem poderia executar este papel tinha deixado Brusque. Não tiveram outra pessoa para este papel senão o Sr. Fritz K. — Quem o conheceu, me há de dar razão que o mesmo se adaptava tão bem para este papel, como a graxa patente para creme de beleza ou o pó de mico para empoar o corpo. Uma vez assisti a uma peça, na qual ele fazia o papel de moço caçador. O tema da peça é o seguinte: Um moço caçador enamorou-se da filha do diretor florestal. Ela estava apaixonada por ele. Mas o pai não queria saber desse namoro, pois pretendia casar sua filha com um rico fazendeiro. Mas o destino vem em auxílio dos dois namorados. O diretor florestal cai nas mãos de uns ladrões de caça e, no último momento, quando sua situação se tornara crítica, o moço caçador apareceu e salvou a vida do pai de sua namorada. Este, reconhecendo o valor do rapaz, por gratidão concordou com o casamento dos dois. Na cena final era para o moço, não contendo em si de contentamento, tomar de ímpeto a moça nos braços e desafogar seu júbilo num forte brado de alegria. O ensaiador lhe ensinou no ensaio geral, como ele devia fazer. Mas F. K. havia esquecido tudo. Após ter representado o seu papel, sem os necessários gestos, ficou parado em frente a sua namorada em posição de sentido, levantou o dedo indicador um pouco e disse: "Juche!" —

É, a arte é difícil, muitos não chegam a aprendê-la e outros ainda muito incompletamente.

Depois da enchente, tão logo o tear circular ficou novamente em ordem e montado, recomeçou-se com a fabricação. Mas como havia somente uma caixa com fios, era preciso encomendar fio da Alemanha e meu pai não tinha dinheiro para isso. Então recorreu ao fundador da colônia, o

Sr. Dr. Blumenau e pediu-lhe que emprestasse o necessário capital para comprar fio. O Dr. Blumenau, por princípio era contra a instalação de indústrias, pois queria em primeiro lugar colonizar suas terras e ter colonos. Mas como ele viu que nossa família era trabalhadora e que o produto manufaturado era bom e tinha boa aceitação, concordou e atendeu ao pedido de meu pai. Para ele foi simples resolver o assunto, pois ele tinha dinheiro na Alemanha e carecia somente de uma carta autorizando o pagamento. Agora o negócio já ia melhor. Mais tarde Ricardo Voigt, no Warnow, ofereceu uma regular quantia, mediante juros moderados. O Dr. Blumenau foi reembolsado. A firma Nothmabb, no Rio de Janeiro, forneceu fios, a longo prazo, abrindo o necessário crédito. Então foi possível comprar máquinas de costura e de tricotagem, como também bobinadora. Lentamente veio o progresso, se bem que algumas vezes apareciam épocas de estagnação. Isto acontecia quando faltava fio.

(*) G. Willerding era importante comerciante no Vale do Itajaí. Carlos Renaux que trabalhou em seu negócio em Gaspar, transferiu-se em 1884 para Brusque como gerente da firma Asseburg & Willerding de Itajaí. Um ano depois adquiriu sua propriedade, dando início à casa comercial Renaux.

Relatos como este além do valor histórico, contém aspectos da vida social em que no caso, uma das formas de integração da população, era o teatro. Note-se que Klappoth e Willerding eram comerciantes muito bem sucedidos na região, mas faziam-se presentes na sociedade, participando eles próprios de pequenos eventos culturais, organizados ao modo local. Nossos monumentos históricos, entre os quais o Clube de Caça e Tiro fundado em 1866 não só é o mais antigo, mas um dos mais especiais pelos eventos que encerra, falam todos eles dos anseios, dos talentos e das conquistas de nossa gente. Eles são uma lição viva a lembrar o que foi feito, o que deu certo e o que merece ser preservado e reconquistado para humanizar a vida. Sem eles, o tempo não terá mais testemunhas e será mais difícil aprender as lições do passado. Hoje o teatro faz parte do currículo escolar das escolas nas grandes cidades do país. Em Brusque, há mais de 100 anos, sua prática fazia parte do lazer da população.

MINHA VIAGEM À ALEMANHA

De 27-04-83 a 27-05-83

Conhecer a Alemanha, terra de meus antepassados, era um velho sonho. Porém, sempre desejei encontrar lá algum parente, bem como o lugar de nascimento de meus avós.

Foi assim que iniciei em 1960 uma longa pesquisa sobre a árvore genealógica da família. Em outubro de 1982, recebi finalmente a primeira carta de uma parente, que como eu, interessou-se em saber sobre nossa família. Que motivos teriam nossos antepassados para vir para tão longe, o Brasil? Uma vez encontrados os parentes, nada mais me faltava para realizar esta viagem, que teve agora um outro motivo não menos importante: fui convidado para a festa do Jubileu de Ouro de Diaconisa de uma parente, na cidade de Karlsruhe, que fica a 25 Km de distância da terra natal de meus queridos avós, que é Spielberg — Estado de Baden-Württemberg. O reverendo Alfred Creutzberg, pastor da igreja Evangélica Luterana de São Leopoldo-RS, com quem viajei, foi convidado a proferir palestra naquela festa como hóspede estrangeiro.

Deixamos o Brasil às 17:40 horas do dia 27 de abril próximo passado e chegamos em Frankfurt-Alemanha, no dia 28-04-83 às 09:55 horas do Brasil e 14:55 horas da Alemanha. No aeroporto, meus parentes já me aguardavam. Qual não foi minha surpresa quando, ao chegar à casa em que fora hospedado, encontrei na porta uma linda coroa de flores, com a inscrição: "Herzlich Willkommen", que significa: "Seja Bemvindo". Ao entrar na casa, lá estavam outros parentes para desejar-me boas vindas. E assim iniciou-se um mês cheio de programações e festas.

No dia seguinte à minha chegada, fui convidado a um baile de primavera. Foi um baile muito bonito. À meia noite a orquestra começou a tocar músicas folclóricas alemãs alusivas à entrada da primavera. Meus parentes e conhecidos ficaram surpresos ao saber que eu, brasileiro, conhecia as canções que ali eram cantadas, surpresos ao ver que a tradição se manteve apesar dos anos e da distância num país estrangeiro.

O interesse em saber mais sobre a colonização alemã no Brasil, como também os hábitos, os costumes e a constituição de nosso povo, fez com que eu tivesse uma audiência com o prefeito da cidade e fosse entrevistado por repórteres locais. Procurei fornecer-lhes todas as informações possíveis sobre a vida dos primeiros imigrantes alemães no Brasil e de seus descendentes, bem como divulgar nosso Estado e o Brasil no exterior. Felizmente havia me preparado com prospectos de programas turísticos de Brusque, de Santa Catarina e do Brasil em geral, através dos quais procurei divulgar as belezas de nosso país.

Posso assegurar, que todos mostraram grande interesse e admiração pelas coisas que lhes apresentava sobre o Brasil.

Fiquei muito sensibilizado com a amabilidade com que fui recebido por aquele povo. Ao saberem que sou músico, prepararam-me uma surpresa: convidaram-me a dar um passeio e me conduziram a um local onde uma banda musical me esperava, começando a tocar quando entrei no recinto. Presentearam-me com peças musicais para serem tocadas e divulgadas pela Banda aqui em Brusque.

Conheci belíssimos lugares, Floresta Negra, Baden-Baden, Stuttgart, Rothenburg ob der Tauber, Lago de Constança, sobrevoei a cidade de Spielberg e algumas cidades vizinhas e sobre o Rio Reno.

Além de toda beleza geográfica, houve outra coisa ainda mais bela: acordar todas as manhãs com o canto dos sabiás. Diante deste canto, a Canção do Exílio de Gonçalves Dias, com: "as aves que aqui gorjeiam, não gorjeiam como lá", revelou-se em desacordo com a realidade brasileira, onde as aves são exterminadas sem o menor cuidado, sem a menor consciência do significado deste ato.

Conheci também muita gente, e, foi sobretudo a amabilidade deste povo que me impressionou, revelando uma hospitalidade sincera que me tocou no fundo d'alma. Posso dizer que sou uma pessoa realizada em um dos meus grandes desejos: conhecer minhas origens. E, confesso, que nunca pensei ser recebido da maneira como fui recebido.

Jamais esquecerei tanta felicidade. Volto meu pensamento ao Criador, pois, somente a Ele devemos toda esta beleza que vi e todos os seres tão maravilhosos que conheci.

Max Rau

Brusque, Junho de 1983.

EXPEDICÃO CONTRA OS BUGRES

Notícias publicadas em março de 1905 no jornal "NOVIDADES", de Itajaí.

Brusque, 4. Acaba de voltar agora mesmo do mato a turma que foi bater os bugres. Voltam com arcos, flechas, outros utensílios e um pequeno bugre que apanharam.

Brusque, domingo, 12 de março. Em nosso número passado, demos um telegrama noticiando ter chegado, de volta a Brusque, a turma de batedores que seguira dali no dia 3 de fevereiro, trazendo flechas, arcos, outros objetos e um pequeno bugre.

O nosso correspondente, n'aquela Vila, acaba de enviar-nos em carta, informações detalhadas a respeito dessa caçada.

A turma composta de 16 homens, chefiada pelo célebre batedor de bugres Martinho Marcelino, morador na Angelina, que d'ali viera incumbido de desempenhar essa árdua missão, internou-se no mato no dia 4. Antes, tudo quanto era necessário para levar a efeito a difícil empresa, fôra posto à disposição do chefe e dos demais homens pelo superintendente Vicente Schaefer. Até ao Ribeirão do Ouro a viagem foi feita em carroças. No dia 5, Martinho e três companheiros começaram a fazer reconhecimentos e a explorar o terreno, podendo certificar-se de que, não muito distante, havia paradeiro de selvagens.. Esse reconhecimento durou tres dias.

No dia 9, pela madrugada, os 16 homens embrenharam-se na mata, seguindo rumo sul guiados pelos indícios constantes de picadas, ranchos ainda novos à distancia um dos outros de 4 a 5 kilômetros, e diversas abelheiras tiradas pelos silvícolas. No perímetro em que esperavam surpreender o inimigo, nada foi achado.

Depois de estarem cinco dias internados no mato tendo por vezes de atravessar caudalosos braços de rios que supõem afluentes do Tijucas, os expedicionários encontraram um rancho, pelos sinais, há pouco abandonado; havendo dentro dele um pilão e muitas ervas socadas e um cadaver de bugre envolvido em folha de caeté. Aí a turma fez alto e Martinho, com três companheiros, procedeu de novo a reconhecimentos, dando muito perto com dois trechos de picadas muito limpas e abertas em forma de cruz, e no ponto do cruzamento um tóro falquejado e em cada uma das faces muitas garatujas como que desenhadas do alto para baixo e afetando a forma da letra M, conjugada com o N, e escrita sucessivamente diversas vezes. Presentindo perto, movimento de selvagens, Martinho subiu em uma árvore, d'onde descobriu grande ajuntamento deles, mas ao descer foi picado por uma grande jararaca.

Feito imediatamente o primeiro curativo, regressou com os três companheiros a juntar-se com o resto da expedição, afim de tratar-se e dizer aos outros o resultado da exploração.

Martinho, tendo observado que o número de bugres era bem grande e que dezesseis homens era insuficiente, conseguiu mais sete companheiros, no Ribeirão do Ouro, e a turma deste modo, composta de 24 homens encaminhou-se no dia 17, provida de mantimentos, para o ponto onde tinham sido vistos os selvagens. Mas ali chegando, verificaram haverem eles se ausentado, tomando rumo do oeste, naturalmente por terem eles pressentido a aproximação da turma.

Dirigindo suas pesquisas nessa direção, percorreram com mil dificuldades grande extensão do sertão, atravessando rios cheios em jangadas que improvisaram. A 23, depois de terem descoberto 94 ranchos rodeados por trincheiras, encontraram também, com espanto, grande número de jararacas mortas, que eles dizem ser 62, como se fosse aquilo o resultado de uma caçada e 112 abelheiras tiradas. N'esse mesmo dia em um faxinal imenso, sobre o chapadão denominado do Fauser, começaram a sentir indícios de que os bugres estavam próximos.

Mas não quizeram, sem primeiro observar a situação d'les, dar o ataque, que foi levado a efeito no dia 26, domingo, ás duas horas da madrugada. O assalto foi assim descrito em suas linhas gerais, por alguns homens da turma: Devido à grande escuridão d'aquela hora, os 24 homens, para não se perderem uns dos outros, seguiram assim: o que marchava atrás levava uma mão apoiada no ombro do que ia na frente, guia do estranho préstito, o chefe Martinho com uma vela acesa, em direção aos ranchos que haviam descoberto de dia. Ali chegando, com maiores cautelas, a um sinal convençãoado, deram o ataque. Estabeleceu-se uma confusão enorme: gritos, pulos, imprecações, um berreiro infernal por parte dos selvagens. Não contam os expedicionários, mas é fácil prever terem feito eles uma boa chacina, apoderando-se de tudo quanto existia dentro dos ranchos e de um bugrinho de 8 a 10 anos de idade. Havia grande quantidade de carne de anta e armamento.

A turma chegou a Brusque, de volta no dia 4, depois de ter passado quase todo o mes de fevereiro no mato. Vem radiante pelo sucesso obtido e trazendo como troféus os objetos apreendidos.

É interessante a relação desses objetos: cento e tantas flechas, vinte e tantos arcos grandes e pequenos, muitas lanças de formato exquisto, viroles, chuços, muita ferramenta, tres sacos com rosários, tesouras, navilhas, facas, objetos de folhas de flandres, cordas, cestos de uma feitura admirável, um cãozinho e até uma estola de padre.

Há ainda, além de outras miudesas, que não vão aqui todas descritas, pulseiras, dedais, moedas de vintem, espoletas, cápsulas de cartuchos, fivelas, sendo algumas de prata, e as que se usam em guaiacas, aros de fios de prata, muitas qualidades de maquinismo de relógio, dentes de animais e unhas de antas.

O pequeno bugre tomado, parece ser da tribo dos Botocudos, visto trazer atravessado no lábio superior, uma espécie de batoque.

Primeiro centenário da instalação da primeira Câmara Municipal de Vereadores de Brusque.

São poucas as fontes para pesquisas que possibilitem compôr o quadro dos administradores de Brusque, principalmente das Câmaras de Vereadores ou Conselheiros Municipais depois da emancipação até 1920, aproximadamente.

No número 17 desta Revista publicamos, para lembrar o centenário da emancipação política, a relação dos "Diretores, Câmara de Vereadores, Superintendentes e Prefeitos de Brusque".

Nesse trabalho consta a relação dos componentes de nossa primeira Câmara, instalada no dia 8 de julho de 1883, cujo texto transcrevemos:

"No dia 23 de março de 1881 a lei n.º 920 elevou à categoria de Município a Freguezia de São Luiz Gonzaga das Colônias Itajaí e Príncipe Dom Pedro, com identica denominação. A sede passou à categoria de Vila.

A 12 de janeiro de 1882 o diretor Dr. Jacinto Adolpho de Aguiar Pantoja remete ao Governo Provincial as contas do trimestre Janeiro a março referentes aos créditos da emancipação e das inundações de 1880/1881.

A 8 de maio seguinte solicita por telegrama da estação de Itajaí, um empregado da Fazenda Provincial para entregar-lhe os Bens pertencentes ao Estado, sob sua guarda. O Dr. Pantoja apesar de demissionário, permaneceu na administração até a instalação da Câmara de Vereadores. Existem documentos de terras assinados por ele em 1882 e 1883.

Finalmente no dia 8 de julho de 1883 foi instalada a primeira Câmara de Vereadores de São Luiz Gonzaga pelo advogado Dr. Fortunato Mendes e Francisco Victorino da Silva, respectivamente presidente e secretário da Câmara de Itajaí. Antes, a 5 de maio do mesmo ano, realizou-se na Casa da Diretoria, a eleição dos nossos primeiros vereadores:

Germano Willerding — presidente; João da Silva Mafra Neto, Guilherme Krieger, Pedro Jacob Heil, Cristovam Staak, Belmiro de Amorim Serva, e Augusto Afonso Vianna.

Germano Willerding permaneceu na presidência até dezembro de 1884.

No dia 28 de dezembro foi realizada eleição para substituir um Vereador cujo nome não se conhece (possivelmente Germano Willerding), sendo eleito Nicolau Gracher com 11 votos contra Manoel dos Santos Bittencourt que obteve 9.

De 1883/4 provavelmente até 1889, foi Procurador da Câmara o Dr. Alfredo Koehler.

Documentos da Administração Barão Maximiliano de Schneéburg referentes a outubro de 1864

(Respeitada a ortografia original)

N.º 1 Directoria da Colonia Brusque em 15 de Outubro de 1864.

Illm.º e Exm.º Snr.

Em consequência do Orçamento que emanou o Governo Imperial para a Colonia Brusque para o presente exercicio, por conta do qual já recebi da Thesouraria por ordem de V.ª Ex.ª a parte proporcional de Rs. 5:420\$000 — para o primeiro trimestre, devo levar ao conhecimento de V.ª Ex.ª que a quantia orçada n'este Orçamento sob verba "Despezas com Colonos" não chega para as despezas, que os Colonos recém chegados na Colonia Brusque tem de receber de juz.

Porem: No caso do Governo não me mandar mais Colonos até ao fim dos tres primeiros trimestres isto é de Julho do anno corrente até Março do anno proximo futuro, as quantias orçadas para estes 3 Trimestres juntas, chegarão geralmente para satisfazer os Colonos que existem neste momento na Colonia até o fim do terceiro Trimestre; mas a quantia relativa a cada trimestre não chega em separado para as despezas d'esta verba como prova a conta junta. Por isso sollicito a V.ª Ex.ª de dignar-Se a mandar pagar-me a quantia de Rs. 2:500\$000 — iguaes a somma orçada para o segundo e terceiro Trimestre, cuja necessidade mostra a conta junta, para poder satisfazer os pagamentos divididos aos Colonos até o fim do Março de 1865 em que tempo acabem os subsidios que elles tem de receber, se não vierão outros novos Colonos n'esto intervallo.

Deos Guarde à V.ª Ex.ª

Illm.º e Exm.º Snr.

Dr. Alexandre Rodriguez da Silva Chaves

Dgm.º Presidente da Provincia

Barão de Schneéburg

Director da Colonia

N.º 2 Directoria da Colonia Brusque em 15 de Outubro de 1864.

Illm.º e Exm.º Snr.

O orçamento que me foi enviado pelo Imperial Governo para as despesas n'esta Colonia durante o exercicio de Julho 1864 a 30 de Junho de 1865 não contem diversas despesas fixas, que tenho de fazer indispensavelmente e concedidas deste a fundação da Colonia por todos os Exm.ºs Presidentes da Provincia.

Por isto peço a V.ª Ex.ª que se Digne conceder-me um supplemento indispensável de Rs. 1:440\$000 pelo exercicio do anno de 1864 a 1865 para este fim. Estas despesas são:

Desde o anno de 1861 me foi concedido um escripturario e na Presidencia do Exm.º Snr. Pedro Leitão da Cunha, nominativamente aprovado na pessoa de Henrique Bettermann com o ordenado p. anno de Rs. 480\$000

O Governo tem uma Tropa de 5 animaes indispensaveis neste Estabelecimento para transportar, conforme o contracto, as bagagens dos Colonos da sede da Colonia aos lotes de terras já longinquoas 4 a 5 legoas distantes, em que os Colonos se estabelecem. Essa tropa deve ser alimentada e tratada e os arreios e cangalhas concertados e conservados o que importa no minimo em Reis 30\$000 mensaes pela alimentação, materiais dos concertos Rs. 360\$000

O arreador que cuida dos animaes e conduz em suas frequentissimas viagens e trata dos concertos dos arreios é indispensavel, recebendo sempre a gratificação de Rs. 30\$000 mensaes ou por anno Rs. 360\$000

Em obediencia a ordem do Governo Imperial aluguei uma casa para o Pastor Protestante Henrique Sandersky desde 25 de Junho do corrente, por Rs. 16\$000 ao mez, que agora tem de servir conforme a ordem de V.ª Ex.ª para a escola e moradia do professor da mesma, do sexo masculino Rs. 192\$000

Por authorização de V.ª Ex.ª, aluguei desde a chegada do Doutor Medico Otto Linger, em Dezembro de 1863 um quarto em uma caza proxima a sua moradia, para a botica e drogas do Governo que o mesmo Doutor trouxe comsigo e no qual prepara os seus remédios, a réis 4\$000 por mez ou anualmente Rs. 48\$000

Somma — Reis Rs. 1:440\$000

De despesas que tenho de fazer indispensavelmente sem serem lembradas as no mencionado orçamento do Governo, e por isso sollicito de V.^a Ex.^a conceder este supplemento de Rs. 1:440\$000 pelo exercicio presente e de mandarme pagar pelo 1.^o e 2.^o trimestre já vencido o importe de reis 720\$000 — sendo reis 360\$000 já vencido no primeiro trimestre e reis 360\$000 pelo presente trimestre corrente e assim em diante.

Deos Guarde à V.^a Ex.^a

Illm.^o e Exm.^o Snr.

Dr. Alexandre Rodriguez da Silva Chaves
digm.^o Presidente da Provincia

Barão de Schnéeburg
Director da Colonia

Conforme o original remettido ao Sr. M.^o da Agricultura,
com officio de 27 de Outbr.^o de 1864.

O Official Chefe de Secção
Ricardo Jozé de Souza

N.º 3 Directoria da Colonia Brusque em 15 de Outubro de 1864.

Illm.º e Exm.º Snr.

A verba sob titulo especial "Despezas com os Colonos na Colonia Brusque": com Reis 5:000\$000 — anuais concedido para este fim no orçamento do Governo pelo exercicio de 1864 a 1865, não podem incluir as despesas necessarias a fazer-se com os colonos antes de chegarem a colonia, e só podem começar do dia de suas chegadas à Colonia em diante.

Os Colonos da 25.ª turma em numero de 26 com bagagens muito volumosas, forão conduzidos em duas lanchas e mau tempo da Barra do Itajahy à Colonia, pelo preço de Reis 100\$000 — em conjuncto, que paguei da caixa da Colonia a João Schevaoz e Pedro Bellarmino, cuja despeza (fora do sentido do orçamento) rogo a V. Ex.ª mandar pagar-me do Cofre o Governo na Thezouraria em Desterro.

Deos Guarde à V.ª Ex.ª

Illm.º e Exm.º Snr. Doutor
Alexandre Rodriguez da Silva Chaves
Digm.º Presidente da Provincia de Sta. Catharina

Barão de Schneéburg
Director da Colonia

Conforme o original remettdo ao Exm.º
Ministro da Agricultura com officio de
27 de Outubr.º de 1864.
O Official Chefe da Secção
Ricardo Jozé de Souza

Directoria da Colonia Brusque em 15 de Outubro de 1864.

Illm.º e Exm.º Snr.

Apresento aqui incluso respeitadamente a V.ª Ex.ª os officios sob n.º 1, 2 e 3 em que enumero as quantias que prezisem para poder fazer os pagamentos na Colonias no importe de Rs 7:490\$000 — que rogo a V.ª Ex.ª mandar consignar-me na Thezouraria a fim de poder leva-los no meo proximo regresso a Colonia.

A saber: o meo pedido consiste
n'ª parte proporcional do orçamento geral do 2.º trimestre com Rs 5:420\$000
conforme o officio incluso N.º 1 e conta ao N.º 1 da verba especial "Despezas com colonos o pagamento respectivo adiantado do 3.º trimestre " 1:250\$000

Supplemento das despesas não lembrados no orçamento geral conforme officio junto N.º 2 " 720.000

e restituição ao coffre da Colonia as despesas da condução de 26 colonos com seus bagagens da Barra d'Itajahy até a sede da Colonia esclarecida em officio junto N.º 3 " 100.000

Total Rs 7:490\$000

cuja quantia solicito a V.ª Ex.ª de mandar consignar-me.

Deos Guarde a V.ª Ex.ª

Illm.º e Exm.º Snr.

Dr. Alexandre Rodriguez da Silva Chaves
Dgm.º Presidente da Provincia

Barão de Schneéburg
Director da Colonia

Directoria da Colonia Brusque em 18 de Outubro de 1864.

Illm.º e Exm.º Snr.

Com o maior respeito tenho de levar ao conhecimento de V.ª Ex.ª a urgencia manifesta da Criação de um Juizado de Paz, e a de uma Subdelegacia nesta Colonia, em que rarissimas vezes tinha um Destacamento de força militar, e actualmente nenhuma, nem cadéa e sem outros meios corretivos, indispensaveis para obstar à desordems frequentes, às vezes sanguinolentas nesta povoação por cima de 1100 Almas (Colonos), para onde affluem diariamente e principalmente nos Domingos e dias Santos, pessoas de fóra (das diversas Serrarias externas da Vizinhança e outros frequentes visitantes) que quasi sempre (prodigos em quanto durão suas economias ou seus creditos) provocão desordems e se permittem cantos indecentes na Rua, e nocturnidades turbulentas.

Este Estabelecimento do Governo não contem em seus limites circummedidas pelo Engenheiro Major Rivierre por Ordem do Imperial Governo, mais de 4 legoas quadradas, sem contar as terras além do Rio d'Itajahimirim (margem direita ou margem do Sul) muito fertis do Ribeirão da Limeira, tãoobem em 1856 medidas pelo Major Rivierre, e annexas por Ordem da Presidencia à Colonia, muito extensas e já com 7 familias por esta Directoria colonisadas por ora.

Entre o numero dos Colonos existentes desde 1860 (de Agosto de 1860 fundada) existem 7 familias com 50 a 60 pessoas já naturalisadas, e grande numero dos mais Colonos dezejão suas naturalisações.

São estes os Elementos e razões urgentes, que reclamão a Criação de um Juizado de paz e a de uma Subdelegacia da Policia, que somente sirvão para os Colonos e habitantes dentro do recinto das terras da Colonia, assim para todas as pessoas externas da quelles, que dentro deste recinto cometterem actos submissos às mencionadas authoridades, ou que tenham reclamação a fazer dentro destes limites.

Deos Guarde à V.ª Ex.ª

Illm.º e Exm.º Snr.

Alexandre Rodriguez da Silva Chaves

Dm.º Presidente da Provincia de S. Catharina

Barão de Schneéburg

Director da Colonia

Directoria da Colonia Brusque em 18 de Outubro de 1864.

Número 27 — Ano VII — Tiragem de

Illm.º e Exm.º Snr.

Sendo me ordenado pelo Governo Imperial de entregar a João Carlos Read terras no lugar onde elle as requereio, igual a superficie que lhe foi dismembrada de sua propriedade na Limeira, pela Medição feita pelo Major d'Eng.º Rivierre, ordenada e aprovada pelo Governo Imperial do rescinto da Colonia, com a observancia, que eu observe n'esta indemnização a não prejudicar os interesses do Estado nem os de João Carlos Read, tenho de apresentar à V.ª Ex.ª o seguinte:

Observei religiosamente esta recomendação e resta-me que V.ª Ex.ª determina por que conta se ha de fazer esta medição, porque pagando do cofre da Colonia me faltaria este denheiro para as medições tam necessarias dos lotes na Colonia e como esta indemnização he feita à um particular, rogo à V.ª Ex.ª, de conceder para este fim um credito especial cujo importe só depois a medição feita se pode calcular exacto, e julgo que não podem passar à Rs. 500\$000.

Deos Guarde à V.ª Ex.ª

Illm.º e Exm.º Snr.
Alexandre Rodriguez da Silva Chaves
Dgm.º Presidente da Provincia

Barão de Schneéburg
Director da Colonia

Directoria da Colonia Brusque em 18 de Outubro de 1864.

Illm.º e Exm.º Snr.

O rancho provisorio construido de taboas e esteios de palmitos, cobertos de palhas, que desde o ano de 1861 servio até agora para n'elle morar e funcionar em todos os ramos que pertencem a directoria, é um meio local de 20 palmos em quadro com um pequeno repartimento em que a penas cabe a cama para dormir, é em tal estado de ruina, tendo apodrecido os esteios palmitos e só se contém a penas em pé pelo pregamento das taboas entre si, que com qualquer vento, que são assaz frequentes, está ameaçada de cahir, e obriga-me de sahir para fora para não ser victima no caso de tal desastro e seu ameaço.

Exm.º Snr. vejo me obrigado de importunar a V.ª Ex.ª com mais alguns detaillles sobre este mesmo rancho da Directoria. Quando chove ou venteia hé preciso fechar as portas das janelas e assender luz para poder trabalhar. Neste espaço de 20 palmos em quadro há duas mezas uma para mim e outra para guardar os livros, uma comoda, um fogão para o menos poder fazer uma chicara de caffè e alguns mochos para assentos. V.ª Ex.ª pode-Se fazer idea o que resta de espaço para dois ou três pessoas que queirão e precisem mover-se em aquelles quatro paredes, e que aperto ha nos dias de pagamentos. He impossivel pelos expostos, de mais tempo continuar n'este local, direi mais que he mesmo contra a decencia de occupar um tão mesquinho rancho a cahir, se todos os Colonos tem cazas muito superiores a-quelle rancho.

Solicito por tanto a V.ª Ex.ª de indicar-me os meios e authorisar-me provisoriamente a remediar este grande inconveniente em quanto que o Governo Imperial não manda construir a caza de Directoria do qual V.ª Ex.ª já envió a planta projectada e Orçamento feitos pelo Capitão d'Eng.º Sebastião de Souza Mello.

Solicito esta decisão de V.ª Ex.ª com urgência por que a qualquer momento poderá cahir este rancho e eu achar-me na rua, exposta a merce do tempo não havendo n'este ocasião mais cazas para allugar na Colonia.

Deos Guarde à V.ª Ex.ª

Illm.º Exm.º Snr.
Dr. Alexandre Rodriguez da Silva Chaves
Dgm.º Presidente da Provincia

Barão de Schneéburg
Director da Colonia

Número 27 — Ano VII — Tiragem de
— 500 exemplares —

A Sociedade Amigos de Brusque
agradece ao prezado médico brusquense

DR. DÉCIO S. KORMANN,

residente em São Paulo, a generosa con-
tribuição financeira dada a esta Revista.